



O Debate entre Christopher Alexander e Peter Eisenman Revisitado: Autonomia e Desarticulação Teórica na Arquitetura

The Debate between Christopher Alexander and Peter Eisenman Revisited: Autonomy and Theoretical Disarticulation in Architecture

Petar Vrcibradic*

Resumo

Este artigo pretende examinar o debate ocorrido em 17 de novembro de 1982 na Graduate School of Design - Harvard University entre Christopher Alexander e Peter Eisenman. O encontro é representativo de um período (anos 70 e 80) onde a morfologia e repertório arquitetônico são intensamente discutidas a partir da crise do estatuto modernista. Como antecedentes importantes ao debate, vale destacar o estabelecimento do design como objeto de pesquisa científica durante a década de 60 e a concomitante consolidação de uma ideologia de atuação profissional pautada na defesa da autonomia intelectual do arquiteto. As origens desses dois fenômenos estão relacionadas à atuação de dois grupos de pensamento: o Design Methods Group e o Institute for Architecture and Urban Studies (IAUS). A associação progressa a esses grupos, tanto de Alexander quanto de Eisenman - ainda que indiretamente - permeia algumas das posições defendidas nesse famoso debate. O tom polêmico do encontro e a intensidade de algumas das refutações justifica, em parte, a opinião predominante de que Eisenman e Alexander representam posições teóricas diametralmente opostas. Todavia, após quase trinta e cinco anos é possível, com a conveniente suspensão de ânimos momentâneos, que se possa reinterpretar o debate com ênfase predominantemente em seu conteúdo.

Palavras-chave: Teoria da arquitetura. Crítica da arquitetura. Arquitetura pós-moderna.

Abstract

This article intends to examine the debate held in November 17th, 1982 in the Graduate School of Design - Harvard University between Christopher Alexander and Peter Eisenman. The meeting is representative of a period (70's and 80's) when architectural morphology and repertoire are intensely debated in view of a crisis in the modernist statute. It is worth to highlight, as important precedents to the debate, both the establishment of design as field of scientific inquiry during the 1960's and the concurrent establishment of an ideology of practice based on the intellectual autonomy of the architect. The origins of these two phenomena are linked to the workings of two intellectual groups: the Design Methods Group and the Institute for Architecture and Urban Studies (IAUS). The previous associations to each of these groups, by Alexander and Eisenman respectively, refers - even if indirectly - to some of the theoretical instances held in this famous debate. The controversial tone of the encounter and the intensity of some of the refutations justifies, in part, the general understanding that Eisenman and Alexander represent theoretical positions which are diametrically opposed. However, after some thirty five years it is possible, with the convenient suspension of momentary moods, to reassess the debate with an emphasis on its contents.

Keywords: Architectural theory. Architectural critique. Postmodern architecture.

*Arquiteto e Urbanista formado pela FAU/UFRJ (2002), possui mestrado pela Columbia University (2005) e cursa o doutorado no Proarq/UFRJ. Foi professor substituto de Projeto de Arquitetura na FAU/UFRJ (2015-2016). É coautor do livro Reinventando as Habitações de Interesse Social (Letra Capital, 2014). Sua experiência profissional inclui os escritórios Gehry Partners e Morphosis, ambos vencedores do prêmio Pritzker.

Introdução

1 A primeira publicação do debate ocorre na revista Lotus Internacional nº40 e a segunda na revista Studio Works nº7 da Harvard GSD. O debate na íntegra se encontra disponível, na íntegra em: <http://www.katarxis3.com/Alexander_Eisenman_Debate.htm> ou em: <http://www.henryrose.design/uploads/7/9/6/4/79645630/eisenman_-_alexander_1982_debate.pdf> (Acesso em: 31/08/2017).

2 Parte da fama do debate se deve à irritação manifestada por Alexander diante das opiniões de Eisenman sobre o projeto de Rafael Moneo para a Câmara Municipal de Logroño cuja colunata teria sido projetada deliberadamente de forma a causar sensação de incongruência. – “I find that irresponsible. I find it very nutty. I feel sorry for the man. I also feel incredibly angry because he is fucking up the world.”

O debate entre Christopher Alexander e Peter Eisenman em 1982¹ - cuja reputação se deve tanto à qualidade argumentativa dos debatedores quanto a uns poucos momentos em que foi suspenso o decoro acadêmico² – ilustra um período de intenso questionamento teórico na arquitetura, sobretudo no que concerne questões de forma, linguagem e repertório arquitetônico, temas que ocuparam posição de destaque nos campos acadêmico e profissional nas décadas de 70 e 80.

É particularmente interessante revisitar esse período em contraste com o panorama crítico na arquitetura de hoje em dia, no qual se verifica um relativo esvaziamento do debate formal na arquitetura em função de sua absorção à condição de liberdade expressiva ou simplesmente de diversidade estilística. Enquanto isso, outros temas ligados ao meio ambiente ou a questões político/espaciais passam a ser associadas mais decidi-

damente à disciplina arquitetônica, ampliando e complexificando o campo do debate teórico.

Assim sendo, o encontro de Eisenman e Alexander representa uma oportunidade de investigar esse estado de polarização teórica, onde os rumos da disciplina arquitetônica se apresentavam, pelo menos aparentemente, condicionado aos desígnios de uma vanguarda intelectual. Diante desse panorama, e de modo a melhor situar as posições de cada um, cabe elaborar uma breve reflexão sobre os anos antecedentes ao debate.

A Conferência sobre Métodos do Design (*Conference on Design Methods*) realizada na Universidade de Londres em 1962, conforme descreve Nigel Cross, marca o início da metodologia do design enquanto objeto de pesquisa. Cabe salientar que o autor não se refere ao surgimento da metodologia do design em si, mas que a mesma passaria a ser discutida com bases empíri-

cas e submetida a critérios de exame científico e propostas de sistematização. É também nessa primeira metade da década de 60 que, segundo Cross, esse tipo de estudo passa a ter algum reconhecimento acadêmico ainda que trabalhos anteriores como *The Morphological Method of Analysis and Construction de Fritz Zwicky* (1948), sejam considerados.

É justamente nesse período que surgem os primeiros livros sobre a ciência do design: Hall, 1962; Asimow, 1962; Alexander, 1964; Archer, 1965; Jones, 1970 e Broadbent, 1973. O grupo multidisciplinar se dedica a questões metodológicas, onde a arquitetura, a engenharia e o desenho industrial, a priori, estariam contidas num termo mais amplo denominado Design. É nesse contexto que Christopher Alexander publica, em 1964, *Notes on the Synthesis of Form*³, uma obra pertinente à linha empirista e sistematizadora comum aos pioneiros do movimento.

Já na década de 70, alguns membros do grupo como John Christopher Jones e o próprio Christopher Alexander viriam a se distanciar do mesmo, alegando a não praticidade de aplicação das teorias e sua descrença na eficácia da metodologia *behaviourista*. O caso específico de Alexander será mais extensamente comentado à frente.

Segundo Cross, o afastamento crítico de alguns desses pioneiros teria causado uma crise de legitimação do grupo. Com efeito, se inicia um pro-

cesso de autocrítica a partir do reconhecimento de que o design seria uma atividade demasiadamente idiossincrática para admitir formulações excessivamente simplistas e circunscritas num paradigma teórico positivista. Em outras palavras, a quantidade de variáveis envolvidas em problemas de design seria impedimento à aplicabilidade de certos critérios de validação científica. Podem-se citar como exemplo os casos comuns onde uma determinada solução de projeto não depende da replicabilidade de seus resultados para ser considerada válida⁴. Ou ainda, que o design admite critérios subjetivos como especificidades socioculturais, simbologia ou mesmo variações de gosto individual.

Dessa conjuntura de crise derivam outras respostas e desdobramentos do movimento, o que inclui uma relativização de expectativas. Horst Rittel⁵ (apud CROSS, 1993, p.17) argumenta que a primeira geração de metodologias do design, apesar de parecerem simplistas, seria um necessário primeiro passo para outras gerações de teorias mais realistas e melhor calibradas à natureza idiossincrática do design. Ocorre no grupo um progressivo afastamento de um pensamento predominantemente maquínico e a introdução de avaliações qualitativas e conceitos como aproximação e suficiência. É também nesse contexto que a inclusão de clientes e usuários em processos participativos passa a integrar o universo da metodologia do design mais decisivamente. No entanto, como lembra Cross, a abordagem de processos partici-

3 Notes on the Synthesis of Form (Notas Sobre a Síntese da Forma) é a publicação em forma de livro da dissertação de doutorado de Alexander para a Graduate School of Design - Harvard University. Eisenman faria menção à essa obra no início do debate entre eles, no entanto o debate se desenvolve predominantemente sobre temas posteriores à obra.

4 Exemplo utilizado por Nigel Cross em "A History of Design Methodology", M. J. de Vries et al (eds.), Design Methodology and Relationships with Science, Kluwer Academic Publishers, p.15-27, 1993.

5 RITTEL, Horst. The State of the Art in Design Methods. Design Research and Methods (Design Methods and Theories), 7(2), 1973, p.143-147.

pativos tende a ser mais relevante às disciplinas de arquitetura e planejamento em comparação à engenharia e ao desenho industrial.

Logicamente, no momento em que a cidade e a experiência do usuário passam a ser elementos centrais da investigação teórica, ocorre uma diferenciação necessária entre as ditas disciplinas do design. A cidade apresenta relações espaciais particulares com a sociedade que a diferenciam substancialmente de outros artefatos ou construtos designados. A interpretação teórica da cidade é a pauta central de uma progressiva autonomização da arquitetura como disciplina. Interessantemente, é a partir do protagonismo teórico dessa cidade-sujeito que se apresentam simultaneamente os pontos de convergência e de disputa ideológica entre diferentes grupos e estudiosos.

Os elementos acima estão claramente representados em *A Imagem da Cidade* de 1960. Nele, Kevin Lynch se baseia em mapas elaborados a partir da memória dos habitantes de determinadas cidades para elaborar sua teoria de memória coletiva, orientação e legibilidade de espaços urbanos. Lynch categoriza os elementos da cidade em cinco grupos: caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos sobre os quais ele desenvolve conceitos como estrutura, identidade e significado. Christopher Alexander elabora (sobretudo em seus trabalhos posteriores ao *Notes on the Synthesis of Form*) uma leitura de cidade baseada numa instância teórica semelhante. Assim como em Lynch,

Alexander apresenta uma narrativa epistemológica da cidade, cujo ponto de partida seria a experiência coletiva e suas espacializações.

Aldo Rossi, por sua vez, elabora em *A Arquitetura da Cidade* de 1966 uma concepção do artefato urbano como análogo ao objeto artístico, no sentido em que a experiência da cidade não se limita a seus aspectos construtivos e funcionais. Nesse sentido a cidade seria dotada, para além de um funcionalismo construtivo, de uma morfologia que comunica valores culturais e sociais. Rossi apresenta uma teoria arquitetônica baseada em uma associação com o campo da linguística e na defesa da ideia de que o arquiteto deveria desenvolver um entendimento tipológico ou lexicográfico da cidade.

Muito embora o autor se utilize da figura da memória coletiva como elemento argumentativo, ele o faz de forma retórica e com o intuito de explicar o processo de comunicabilidade e significação da arquitetura, diferentemente de Lynch, cuja abordagem metodológica se dá através do uso empírico e interpretação de mapas mentais. Nesse sentido, a memória se apresenta na obra de Rossi através de uma concepção histórica que parte do arquiteto.

A perspectiva de Lynch se baseia na análise de um construto supra-autoral e da percepção de seus usuários. A perspectiva de Rossi é a do autor historicamente consciente e que se comunica através de uma linguagem morfológica.

A obra de Rossi, de maneira geral, influencia uma geração de autores contemporâneos ligados direta ou indiretamente ao IAUS - *Institute of Architecture and Urban Studies* - dentre os quais pode-se incluir, Leon e Rob Krier, Anthony Vidler, Manfredo Tafuri, Joan Ockman, Rafael Moneo, Diana Agrest, e Mario Galdelsonas. Não coincidentemente, o prefácio da edição de *A Arquitetura da Cidade nos Estados Unidos* é assinado por Peter Eisenman, principal idealizador do IAUS.

O surgimento do IAUS, segundo Mark Schwarthing, teria tido como principal antecedente a realização da exposição *The New City: Architecture and Urban Renewal* realizada no MoMA (*Museum of Modern Art*) entre janeiro e março de 1967. A exposição contou com projetos de quatro equipes oriundas das universidades de Columbia, Princeton, Cornell e M.I.T. As propostas retratavam projetos de caráter conceitual para o bairro do Harlem. Ainda de acordo com Schwarthing, o IAUS teria sido criado seis meses após a exposição, também com o apoio financeiro do MoMA.

Professores Peter Eisenman e Michael Graves dirigiram uma equipe da Princeton University; Professores Colin Rowe, Tom Schumacher, Jerry Wells e Fred Koetter, uma equipe de Cornell; Professores Jaqueline Robertson, Richard Weinstein, Giovanni Pasanella, Jonathan Barnett e Myles Weintraub, uma equipe de Columbia e, Professores Stanford Anderson, Robert Goodman and Henry Millon uma equipe do

M.I.T. (SCHWARTHING, 2012, p.n.p, tradução nossa).

Após a exposição *New City*, Peter Eisenman abordou Arthur Drexler, do MoMA, com o intuito de criar um instituto dedicado a estudar as questões apresentadas e debatidos na exposição. O Instituto para Arquitetura e Estudos Urbanos, IAUS, nasce com financiamento do MoMA, assim como a Universidade de Cornell, que também teve projetos financiados pelo MoMA. Estudantes de pós-graduação da Universidade de Cornell trabalhariam nesses projetos com a supervisão de Colin Rowe e Peter Eisenman. O Instituto inicia suas atividades em setembro de 1967, seis meses após a exposição no MoMA com Peter Eisenman como diretor, Colin Rowe como professor e quatro alunos de pós-graduação do programa de Urban Design da Universidade de Cornell. (SCHWARTHING, 2012, p.n.p, tradução nossa).

Logo após o credenciamento do instituto junto ao estado de Nova Iorque, o mesmo declara sua missão acadêmica de se estabelecer como “alternativa aos estudos acadêmicos e práticas arquitetônicas do presente, combinando ensino, pesquisa e desenvolvimento de projetos em um só processo” (SCHWARTHING, 2012) ou ainda: “vencer o espaço entre o universo teórico das universidades e o mundo pragmático das agências de planejamento” (Ibid.). Nesse aspecto, o *mission statement* do IAUS converge

com a trajetória de Eisenman, cuja biografia é caracterizada, entre outras coisas, pelo trânsito constante entre a atuação acadêmica e a prática arquitetônica.

Ainda que não se possa declarar uma causalidade absoluta, é possível que a premissa de criar um campo de aproximação entre teoria e prática arquitetônica tenha conduzido a uma espécie de formalização ou diagramação de abstrações arquitetônicas. A associação do IAUS e, por extensão, da revista *Oppositions* com a abordagem morfológica de Colin Rowe ou ainda com uma valoração da cidade a partir de sua presença física, defendida por Rossi, parece ter acontecido naturalmente. Com efeito, uma espécie de “ontologia da cidade” (VIDLER, 1977) se apresenta em formas variadas, mas com frequência, em textos publicados na *Oppositions* como *The Third Typology* (VIDLER, 1977), *Neo-Functionalism* (GANDELSONAS, 1976) e *Post-Functionalism* (EISENMAN, 1976).

Presumivelmente, a abordagem conceitual e morfológica apresentada pelo grupo desde a exposição de 1967 no MoMA recebeu também sua parcela de críticas. Reyner Banham, em seu artigo *Vitruvius over Manhattan*, do mesmo ano, denuncia o formalismo das propostas como ingenuidade, argumentando que não há evidência suficiente para se concluir que um bom desenho urbano conduziria a necessariamente a uma melhoria no convívio social.

Eles veem a cidade da boa forma, antes da cidade de bons homens – provavelmente acreditando que uma boa forma geraria bons homens; que uma cidade que se faça visualmente clara, se tornaria clara de outras maneiras também. (BANHAM, 1967, p.828, tradução nossa).

Como sugeriu Reyner Banham, o Instituto acreditava que o desenho urbano deveria ser orientado pela forma e que questões sociais, culturais, políticas e econômicas poderiam ser resolvidas em relação à manipulação formal. As ideias de Jane Jacobs, Herbert Gans, Kevin Lynch, Christopher Alexander e outros – defendendo a primazia dessas outras questões – tiveram papel insignificante no pensamento e produção do Instituto. O ingresso do sociólogo Robert Gutman da universidade de Princeton começaria a mudar essa orientação nos anos subsequentes. (SCHWARTHING, 2012, p.n.p, tradução nossa).

A reação de Reyner Banham aos trabalhos expostos no MoMA não seria um acontecimento isolado. Uma parte importante do debate teórico na arquitetura nos Estados Unidos passa a se configurar sobre as diferenças de abordagem entre diferentes grupos, acadêmicos ou não. É comum durante as décadas de 70 e 80 o surgimento de terminologias cujo intuito é delinear claramente essas oposições. Dessa forma, o comentário arquitetônico da época cria figuras narrativas como: *white architecture/gray architec-*

ture, east coast/ west coast, neo-racionalismo/ neo-realismo, etc.

Um problema potencial com esse tipo de formulação seria a indução de um entendimento polarizado dessas diferenças cujo efeito análogo seria uma certa indiferença à possíveis semelhanças e interesses comuns. Em sua nota de abertura no debate com Alexander, Eisenman faz alusão a uma atmosfera desproporcionalmente antagônica criada para o evento.

Tenho a súbita impressão que fomos colocados numa atmosfera circense, onde a relação adversária que provavelmente temos – que já existe previamente – possa ser inadvertidamente exagerada. (ALEXANDER; EISENMAN, 2004, p.n.p, tradução nossa).

Antecedentes: Alexander e Eisenman na década de 70

O debate de 1982 na GSD - *Graduate School of Design* - é realizado quase dezoito anos após a publicação de *Notes on the Synthesis of Form* e quinze após a exibição de *The New City* no MoMA. Com esses dados em mente, e tendo em vista as transições e mudanças de posicionamento dos autores na década que antecede seu encontro, há que se apontar alguns desdobramentos na trajetória de ambos de modo a melhor compreender seus pontos de vista e argumentos naquele dado momento.

Conforme o mencionado na introdução, Christopher Alexander declara seu distanciamento crítico do *Design Methods Group* ao fim da década de 60 e passa a defender uma linha teórica, seguindo ele, independente.

Eu me desassociei do campo (...). Há tão pouco, no que se convencionou chamar de “métodos do design”, de útil a ser dito sobre como se projetar edifícios que eu nem leio mais a literatura. Eu diria para esquecer, esquecer a coisa toda (...). Se você disser: “É uma boa ideia”, eu gosto bastante; se você passa a chamar de “um Método”, eu gosto, mas começo a perder o interesse; se você chama de “uma Metodologia”, eu não quero ouvir falar a respeito. (Alexander⁶, 1971) . (apud CROSS, 1993, p.16, tradução nossa).

Em duas das suas principais obras: *The Timeless Way of Building*, de 1979, e *A Pattern Language*, de 1977⁷, Alexander alega o desenvolvimento de “uma nova atitude para a arquitetura e planejamento”, uma que “fornece uma alternativa viável e completa às ideias presentes sobre arquitetura, construção e planejamento”, e através da qual se poderia “gradativamente substituir as ideias e práticas correntes”. Alexander abandona categoricamente a linguagem científico-analítica de obras anteriores e herdada de um racionalismo cartesiano e adota uma narrativa repleta de subjetivações como o extenso uso de metáforas. A nova linguagem de Alexander é intencionalmente poética.

6 ALEXANDER, C. The State of the Art in Design Methods. DMG Newsletter 5(3), 1971, p. 3-7.

7 Concebidas para serem o primeiro e o segundo de três volumes de um mesmo corpo teórico. O terceiro volume seria The Oregon Experiment.

Em *Notes on the Synthesis of Form*, se estabelecem condicionantes para a concatenação de fragmentos ou componentes da cidade, onde estes componentes são subsequentemente combinados matematicamente na produção de uma solução final.

Já em obras posteriores, o ponto de partida não seriam as partes, mas o desenvolvimento de uma linguagem derivada das interações entre pessoas e seus ambientes. Alexander denominou essas relações de padrões. No reconhecimento desses padrões estaria a essência ou qualidade definitiva da cidade. Os padrões espaciais das cidades teriam propriedades arquetípicas e invariantes, o que possibilitaria sua utilização e reconhecimento através dos séculos - *timelessness*⁸.

Ainda que não se rejeite inteiramente uma transição substancial na argumentação de Alexander, é possível contingenciar alguns pontos. Primeiramente, apesar de uma manifesta rejeição de um paradigma teórico cartesiano, permanece a insistência numa teoria prescritiva e que visa uma implementação metodológica literal. Indo além, a premissa da derivação de padrões espaciais a partir da experiência dos usuários e clientes tem bastante em comum com a segunda geração de metodologias do design defendida por Rittel e incorporadas pelo *Design Methods Group*. Temos ainda, uma categorização morfológica de componentes da cidade e a proposição de associações entre eles, não obstante a precaução na

manutenção de um discurso supra-autoral e anti-vanguardista. Por fim, conscientemente ou não, o afastamento de Alexander do *Design Methods Group* reforça a ideia de que a arquitetura é suficientemente diferente das demais disciplinas do design a ponto de justificar sua autonomia teórica e metodológica.

A obra de Eisenman, por sua vez, também passa por transição significativa durante a década de 70. A série de casas projetadas entre 1967 e 1975 - numeradas de I a XI num índice abstrato e dissociado de locações ou clientes -, é descrita por Alejandro Zaera-Polo como uma série de explorações formais, onde a utilização do repertório arquitetônico moderno ocorre de modo estrutural, lexicográfico e resistente à absorção cultural ou mesmo da constituição de um estilo.

Enquanto o vazio artificial presente no trabalho de seus colegas neomodernistas foi, quase que imediatamente, preenchido por conteúdo, gestos estilísticos, determinações tipológicas, e afiliado ou absorvido por diferentes aspectos do *Zeitgeist*; a natureza sistemática e meta-linguística da obra de Eisenman, permaneceu impermeável, permitindo a ele que progredisse rumo a uma exploração radical da 'arquitetura da arquitetura'. (ZAERA-POLO, 1997, p.54, tradução nossa).

Com efeito, o mote abstracionista dessa série de casas, se verifica tanto na apresentação dos

8 Intemporalidade.

projetos, onde a opção por perspectivas axonométricas e por planimetrias que, por via de regra, se apresentam sem escala, orientação ou implantação. As apresentações parecem sugerir que questões funcionais como habitabilidade e características de sítio, assim como a própria exequibilidade dos projetos, não seriam elementos vitais aos mesmos.

De toda forma, ainda que Eisenman permaneça fiel à não-adoção de narrativas historicistas, seus trabalhos do fim da década de 70 e início da de 80 passam a incorporar influências da filosofia estruturalista e pós-estruturalista.

Meu trabalho não opera interiormente ao *Zeitgeist*, mas diretamente no mesmo. Minhas primeiras residências eram claramente não-nostálgicas ao movimento moderno, porém o tomaram como um repertório indexado. A partir de leituras de Chomsky, Saussure, Foucault e depois; de Derrida e Deleuze, comecei a pensar diferentemente. A influência dessas leituras em meu trabalho foi importante uma vez que essas leituras constituem um dos aspectos do *Zeitgeist*. (EISENMAN; ZAERA-POLO, 1997, p.12, tradução nossa).

Essa transição, que posteriormente resultaria na sua associação com o desconstrutivismo, se diferencia da fase das casas numeradas no sentido de adotar uma postura radicalmente distinta em relação à implantação e aos sítios dos projetos.

Os projetos para *Cannaregio*, 1978; *IBA Social Housing*, 1982; *Romeo and Juliet Castles*, 1985; entre outros; tem em comum uma intensificação da relação entre edifício e terreno, onde os sítios são trabalhados como escavações artificiais até que os limites entre edificação e terreno (figura e fundo, positivo e negativo) sejam manipulados ao ponto de se confundirem.

Desse modo, meu trabalho se desloca de valores formais e processos racionais estabelecidos à priori, nas primeiras residências; para analogias linguísticas e relações estruturais, nas Cidades de Escavação Artificial. (EISENMAN; ZAERA-POLO, 1997, p.13, tradução nossa).

Partindo de sua fase inicial de pesquisa na manipulação abstrata de elementos arquitetônicos desprovidos de significado, seu trabalho transita a uma próxima fase: a experimentação com a dissolução do objeto arquitetônico dentro de um campo de múltiplas afiliações. Seu trabalho iria abandonar duas de suas mais importantes premissas: o foco em objetos como componentes básicos de suas arquiteturas, e a ausência do terreno como elemento compositivo relevante. (ZAERA-POLO, 1997, p.54, tradução nossa).

As escavações artificiais e o interesse de Eisenman por uma produção arquitetônica crítica e que, assim como nas explorações linguísticas de Deleuze, Guattari e Derrida, posta questão sobre a ontologia das estruturas de organização huma-

na, para além de suas funções imediatas de comunicação, habitação, poder, etc.

O artigo *Post-Functionalism* publicado em 1976 na revista *Oppositions* apresenta a posição de Eisenman justamente a partir de uma problematização da arquitetura moderna enquanto um estilo cuja lógica não escapa a relação forma/função profundamente sedimentada na cultura ocidental e muito anterior ao modernismo. Alternativamente, ele propõe uma noção de modernismo que se baseia numa nova sensibilidade do ser humano em relação aos seus artefatos e, portanto, dissociada de um agente funcional originador.

É, de certa forma, previsível que a abordagem de cunho intelectual e abstrato de Eisenman à época tenha se chocado com a defesa de Alexander por uma arquitetura arquetípica e baseada em noções de conforto, memória afetiva e familiaridade. O que resta examinar é se há entre os discursos de Eisenman e Alexander algo substancial além de opostos absolutos.

O Debate: Conceitos Contrastantes de Harmonia em Arquitetura

O evento hospedado no auditório da *GSD - Graduate School of Design* ocorreu no dia 17 de novembro de 1982. Conforme alerta Eisenman em seus comentários de abertura, o debate se inicia sob uma atmosfera onde talvez a condição adversária de ambos tenha sido desproporcional-

mente promovida. Não obstante, as personalidades notoriamente polêmicas dos debatedores e suas posições contraditórias acerca dos rumos da arquitetura de uma forma geral parecem justificar a preocupação de Eisenman. Ainda assim, é razoável alertar que uma predisposição ao contraditório viesse a prejudicar um exame intelectualmente produtivo sobre as questões debatidas. De fato, algumas das principais razões da fama adquirida por esse debate estão tanto na relutância de ambos em encontrar pontos de aproximação quanto nos momentos onde a troca de ideias sobre o estado do pensamento arquitetônico cede lugar a uma espécie de territorialismo acadêmico.

Mesmo com as necessárias ressalvas, o debate toca em alguns temas profundos como o binômio ansiedade/alienação, historicidade, modernidade, pós-modernidade e, sobretudo, a oposição entre a satisfação intelectual e a sentimental na arquitetura. Eisenman defende uma abordagem racionalista e formalista da arquitetura e Alexander pauta seu discurso numa introyecção afetiva do lugar arquitetônico. Todavia, o impasse ao qual retornam os debatedores repetidas vezes concerne a validação, coexistência e mútua aceitação dessas duas tendências.

Uma vez identificadas as questões recorrentes no debate, se pode observar quatro momentos distintos onde essas mesmas questões emergem a partir de diferentes exemplos e argumentações,

e sobre os quais cabe elaborar comentário.

Um. O debate se inicia a partir de uma crítica compartilhada à estrutura de pensamento ou cosmologia positivista. Eisenman parece sugerir que uma concepção de mundo suportada pela dialética de causa e efeito seria insuficiente para lidar com as complexidades inerentes do mundo contemporâneo. Para Eisenman, os estruturalistas franceses ofereceriam uma alternativa interessante de configuração de uma cosmologia mais dinâmica e afeita à essas complexidades.

Alexander, por sua vez, caracteriza as formulações dos estruturalistas como “intelectualismos”. Ele argumenta que a arquitetura resultante de tais discursos de forma alguma representa sua resposta ao credo positivista justamente por não lidar explicitamente com os sentimentos suscitados pela arquitetura.

Já nesse primeiro intercâmbio, Eisenman parece sugerir um racionalismo não-dialético, enquanto Alexander se concentra na defesa de uma subjetivação afetiva – também não-dialética – como método afirmativo de conceber a arquitetura.

O entusiasmo de Eisenman pelos estruturalistas e pós-estruturalistas não é compartilhado por Alexander. No entanto, o foco de sua crítica não se encontra necessariamente nos autores citados por Eisenman – Barthes, Foucault, Derrida –, senão, mais especificamente na arquitetura

resultante da interpretação de tais discursos por arquitetos como Eisenman ou Rafael Moneo – conforme veremos mais adiante.

Com efeito, a cosmologia desenvolvida por Alexander em *The Timeless Way of Building* na qual ele argumenta que a cidade se articula e se desenvolve a partir de padrões e que, estes padrões se replicam e se transformam em forma arquitetônica, não é de todo estranho ao argumento estruturalista de estrutura profunda ou de ontologia das coisas ao qual comumente se refere Eisenman.

Excetuando-se as diferenças superficiais de terminologia e de uma evidente relutância em encontrar pontos de convergência, pode-se argumentar que o distanciamento de ambos no que se refere à dialética em favor de uma narrativa de diferenciação seria um elemento de aproximação entre o pensamento de ambos. No caso específico da referência aos estruturalistas, o contraste de opiniões aparenta ter origem não numa estrutura de pensamento teórico, mas numa profunda diferença de sensibilidades no que concerne o espaço construído.

Dois. As questões sobre as diferentes inclinações ou formas de acessar uma obra arquitetônica deixam a esfera teórica e assumem uma forma de impasse subjetivo. Eisenman defende que, segundo uma categorização jungiana, há personalidades predominantemente emotivas e outras

cuja configuração do mundo parte do campo das ideias. Sob esse ponto de vista, argumenta ele, há apenas que se admitir que são visões de mundo distintas e, de certa forma, exclusivas. Admitindo-se o caráter eminentemente pessoal dessas características, seria infrutífero discutir tais sensibilidades sem que haja pontos objetivos de equivalência.

Alexander parece não se opor ao entendimento dessas inclinações pessoais. No entanto, ele sustenta que não se deveria evitar a discussão do tema mesmo que sob um apelo ao respeito pessoal. O reconhecimento da emoção como o cerne da experiência arquitetônica é, para Alexander, o *crux* da questão e, portanto, transigir de sua discussão seria equivocado.

É nesse momento que se evidencia de uma forma mais clara o ponto irreconciliável entre a cosmologia de Eisenman e a de Alexander: a satisfação do intelecto versus a satisfação afetiva. Também é possível apontar, para além dessa generalização, um ponto no qual essa diferença de sensibilidades se manifesta mais especificamente.

O elemento em questão é o vocabulário arquitetônico moderno. Na obra de Eisenman – tanto em suas casas numeradas quanto em sua posterior fase desconstrutivista – os elementos característicos da arquitetura moderna passam a constituir uma espécie de dicionário formal sobre o qual se desenvolve sua linguagem arquitetônica. Esses

mesmos elementos são reagrupados, reorganizados, distorcidos ou fragmentados como exercício linguístico, independentemente de uma funcionalidade explícita.

Em contraste, a obra de Alexander rejeita inteira e categoricamente a morfologia modernista à qual se refere em sua obra como um “colapso da linguagem” arquitetônica, justamente em função de sua ruptura com um repertório arquitetônico sedimentado social e historicamente.

Mas, em nosso tempo, as linguagens entraram e colapso. Desde que as mesmas passaram a não ser mais compartilhadas, os processos que as tornam profundas se romperam: tornando virtualmente impossível que, hoje em dia, se faça um edifício viver. (ALEXANDER, 1979, p.225, tradução nossa).

Consideremos, por exemplo, a linguagem geradora de meu escritório na universidade.

É um lugar feio, terrível, escuro e morto. É um dentre muitos escritórios semelhantes no mesmo edifício: esses escritórios são gerados pela seguinte linguagem: longos e estreitos; luz natural em apenas um dos lados; janelas na dimensão inteira da parede; teto em laje cogumelo; lâmpadas fluorescentes de 1.5m a cada 3.0 em grid; paredes de concreto lisas; tetos de concreto sem pintura; esquadrias de aço; pa-



Figura 1. Catedral de Chartres. Fonte: Alex Justas. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/image-photo/cathedral-our-lady-chartres-notredame-de-97630964>>



Figura 2. Palazzo Chiericati. Fonte: David Ionut. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/image-photo/palazzo-commissioned-palladio-by-count-girolamo-219187945>>

redes acabadas com compensado de madeira.

Essa terrível linguagem deu origem a centenas de escritórios. A pessoa que tem essa linguagem em mente jamais fará um edifício viver enquanto não a abandonar inteiramente. (ALEXANDER, 1979, p.228, tradução nossa).

Três. De forma a deslocar a questão da esfera da preferência pessoal, Alexander propõe a análise de obras arquitetônicas como forma de dar melhor suporte às argumentações.

Todavia, e talvez sintomaticamente, parece não haver projeto ou obra arquitetônica que compartilhe do entusiasmo de ambos. Alexander propõe a catedral de Chartres (Figura 1) como exemplo de qualidade arquitetônica indiscutível. A oportunidade de rejeição de Chartres, por parte de Eisenman, retoma o ponto de sua suspeita acerca do apelo emocional na arquitetura. Alternativamente, ele apresenta o *Palazzo Chiericati* (Figura 2) como paradigma arquitetônico justamente por ser uma obra cujo apelo seria, segundo ele, predominantemente intelectual.

A preferência de Eisenman por Palladio, para Alexander, não se resumiria somente a uma predileção pelo intelecto, mas parte de um fenômeno mais amplo de resistência ou mesmo preconceito em assumir sentimentos. Na avaliação dele, essa predileção intelectual a qual qualificou como “retirada em pânico” seria um denominador comum

entre a maioria dos arquitetos formados sob o cânone moderno. Por esta mesma razão, se verificaria a relutância na utilização de formas arquitetônicas tais como o telhado de duas águas.

Eisenman se baseia na ideia de que o repertório moderno não seria a priori o resultado de uma resistência aos sentimentos primitivos, associados à experiência arquitetônica ou mesmo oriundos de uma preferência estilística. A arquitetura moderna seria a espacialização de uma mudança mais profunda: uma nova cosmologia resultante de uma mudança de paradigma intelectual no ocidente. A substituição do antropocentrismo clássico pelo racionalismo iluminista teria trazido uma nova percepção do homem em relação ao seu ambiente; uma na qual ele não seria mais o centro. Esse afastamento do centro do universo, ele argumenta, teria dado origem às ansiedades e alienações do homem moderno.

Uma cultura de diferenciação seria a resposta natural a essa condição assim como o retorno ao paradigma antropocêntrico clássico lhe parece inadequado e nostálgico.

Alexander argumenta que o que está a propor não se trata de saudosismo ou nostalgia do passado. O ser humano e o universo, como demonstra o campo da astrofísica, seriam muito mais conexos do que comporta o paradigma positivista, ainda que o mesmo tenha sido um passo necessário ao estabelecimento inicial do conhecimento científico



Figura 3. Câmara Municipal de Logroño. Fonte: Joan Bautista. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/image-photo/logrono-spainjanuary-182017-modern-architecture-city-610864805>>

co. A separação metafísica do positivismo se apresenta como uma configuração intelectual forçosa e que dificulta um entendimento da continuidade entre ser humano e universo. Desse pensamento deriva a ideia de “sameness”. O sentimento seria, na visão de Alexander, a forma com que conseguimos nos relacionar harmonicamente nessa unidade. Dentro desse raciocínio, o telhado de duas águas seria o mais natural e o mais prático tanto pelo ponto de vista construtivo quanto por sua familiaridade afetiva e universalidade iconográfica.

Novamente, ainda que Eisenman e Alexander se aprofundem na justificativa de suas posições teóricas e na defesa de suas preferências arquitetônicas, as divergências entre ambos no campo processual e metodológico não se apresentam tão evidentes.

Eisenman não se opõe explicitamente à abordagem tipológica que Alexander denomina de linguagem de padrões, de modo que a controvérsia se apresenta, mais especificamente, a partir da não aceitação por parte de Alexander, de um padrão linguístico abstrato, autoral ou racionalista. Em outras palavras, Alexander - semelhante a Aldo Rossi e ao próprio Peter Eisenman - propõe uma abordagem linguística e não dialética para a arquitetura, porém, exclui deliberadamente o repertório moderno - e por extensão, o pós-moderno - de suas formulações.

Quatro. Eisenman inicia sua réplica sobre a ideias de unidade e sentimento de Alexander citando o

projeto de Rafael Moneo para a Câmara Municipal de Logroño (Figura 3). Segundo ele, o pátio apresenta em sua colunata pilares demasiadamente finos, o que causaria um deslocamento na percepção desse espaço e a sensação de incongruência. Dessa forma, verifica-se não um abandono de determinadas tipologias arquitetônicas, mas uma reconfiguração que atenderia não só a uma nova cosmologia, mas traria novas opções ao arquiteto a formular narrativas com o espaço.

No momento mais controverso e talvez tenso do debate, Alexander rejeita com veemência a hipótese de deliberadamente criar espaços desarmônicos e incongruentes. Para ele, a proposição parece absurda uma vez que arquitetos teriam como principal tarefa gerar espaços arquitetônicos que promovam a sensação de conforto e harmonia.

Eisenman, por sua vez, critica o que para ele seria uma capitulação acrítica ao gosto da maioria e que não garantiria de forma alguma a qualidade arquitetônica uma vez que conforto e harmonia não são diretrizes objetivas. Ele volta a colocar que não se trata de uma defesa da não-harmonia, mas que ansiedade e incongruência são elementos presentes no mundo de hoje e que a arquitetura não deve se negar a retratar essa condição sob pena de se tornar ela mesma uma forma de alienação. Alexander responde questionando sobre a relevância de se desenvolver uma narrativa intelectual à despesa de aspectos mais

importantes da arquitetura como sua funcionalidade e comunicabilidade.

Conforme o breve comentário no início deste capítulo, o que se apresenta é fundamentalmente uma discordância sobre premissas e resultados. Moneo se utiliza de uma linguagem arquitetônica híbrida – se por um lado, o vocabulário construtivo é predominantemente moderno, por outro, ele se utiliza de configurações espaciais, tais como pátios e colunatas, que remetem à arquitetura clássica – e cujo resultado provoca uma sensação de ambiguidade e que oscila entre a familiaridade e estranhamento.

Nesse último intercâmbio entre os dois, se manifesta mais uma vez o mesmo impasse – não no diz respeito a uma metodologia de concepção arquitetônica enquanto linguagem – mas na validação de determinados repertórios em detrimento de outros e oriundo de diagnósticos profundamente distintos sobre a arquitetura moderna.

Post Scriptum: Autonomia e Desarticulação Teórica na Arquitetura

Ao introduzir sua disciplina: Comparative Analysis of Built Form, na Universidade de Columbia, o crítico e historiador Kenneth Frampton explicou que uma análise comparativa é um tanto mais frutífera quando os elementos analisados são suficientemente diferentes para que a comparação seja possível e, suficientemente semelhantes

para que a mesma tenha sentido.

[...] Dessa forma, se pode ambicionar revelar o espectro de significância expressiva em trabalhos comparáveis com base em semelhança e diferença; isto é, ao identificar o que parece ser o mesmo ou similar e ainda permanece, ao mesmo tempo, bastante diferente, e, sobre os quais, a questão se apresenta como qual seria o significado de uma inflexão em particular ou carga atribuída por uma determinada nuance e assim por diante - através de uma série acumulada de perguntas similares, a análise se faz completa. (FRAMPTON, 2004, p.1, tradução nossa).

Transplantando esse conceito de proximidade e diferenciação posto por Frampton para o campo desse debate teórico: parece evidente o contraste entre as sensibilidades arquitetônicas de Alexander e Eisenman, resta argumentar se há algo de significativamente semelhante em suas posições teóricas.

Uma primeira análise é a posição de relativa aproximação entre os dois no campo metodológico já extensamente comentada no capítulo anterior – relembrando apenas que os pontos mais intensamente disputados são oriundos de diferenças de premissas resultados e não dos métodos de concepção da forma arquitetônica.

A segunda aproximação possível entre Eisenman e Alexander diz respeito ao resgate da arquitetura

como disciplina autônoma. Ainda que por caminhos paralelos, e certamente com motivações distintas, ambos voltam suas investigações teóricas para a ordem interna do design arquitetônico e os processos e instrumentos particulares à arquitetura.

Alexander, que no início da década de 60 começa a investigar a arquitetura por meio de um racionalismo cartesiano adjacente ao que seria o Design Methods Group, não demora a questionar a aplicabilidade dessas metodologias em favor de uma visão holística, subjetiva e, portanto, distante do paradigma positivista. Esse afastamento revela, por extensão, uma outra faceta da nova cosmologia de Alexander: uma na qual a cidade e seus artefatos passam a ser a fonte primordial de suas investigações e conseqüentemente de um novo corpo teórico cujo objetivo ambicioso seria a completa reconfiguração da forma como que se projeta arquitetura de uma forma geral.

The Timeless Way of Building (A Forma Intemporal de Construir) é o primeiro de uma série de livros nos quais é descrito uma atitude inteiramente nova acerca da arquitetura e planejamento. Os livros têm como intuito fornecer uma alternativa funcional e completa a nossas ideias presentes sobre arquitetura, construção e planejamento – uma alternativa que, esperamos, gradualmente substitua as ideias e práticas correntes. (ALEXANDER, 1979, p.n.p, tradução nossa).

Sem entrar no mérito da ambição e abrangência das reivindicações de Alexander, a reconfiguração de sua matriz de trabalho parece sugerir que a arquitetura e os assentamentos humanos seriam dotados de uma singularidade que justificaria uma categoria própria de estudo. Isso poderia explicar em parte o fato do autor ter se afastado criticamente de grupos de estudo organizados em torno de uma ontologia mais folgadoamente definida como *design*. Mas a mudança de rumos na obra teórica de Alexander passa também por um outro tipo de motivação: a substituição de um modelo de concepção arquitetônica cartesiano por outro baseado em interações espaciais subjetivas e pelo potencial socialmente agregador da arquitetura. Tem-se, por extensão, uma agenda autônoma da arquitetura, condicionada pelo papel do arquiteto na sociedade e do impacto do espaço construído na qualidade de vida dos seres humanos.

Está muito bem dizer: “Olhem, harmonia aqui, desarmonia ali, harmonia aqui – está tudo bem”. Mas o fato é que nós, enquanto arquitetos, temos a incumbência de criar essa harmonia no mundo. (ALEXANDER; EISENMAN, 2004, p.n.p, tradução nossa).

Para Eisenman a autonomia da disciplina se manifesta de uma forma mais explicitamente política do que em Alexander. Na obra do segundo, a arquitetura parece passar a uma categoria de autonomia em relação à outras disciplinas pela

via da especificidade da cidade como artefato e da responsabilidade do arquiteto frente à sociedade. No entanto essa autonomia não é reivindicada como prerrogativa intelectual do arquiteto enquanto classe profissional. Para Eisenman, no entanto, a autonomia profissional passaria pela necessidade de se libertar a arquitetura de uma condicionante funcionalista (forma segue a função), mas também de defender a independência do arquiteto para operar livre e experimentalmente dentro do léxico arquitetônico. Em outras palavras, partindo de um etos compartilhado de que o arquiteto deve exercer uma prática deliberada e consciente de seus processos e instrumentos: Eisenman parece defender a liberdade experimental do autor, enquanto Alexander sugere a predominância do sentido de comunidade.

Um terceiro ponto de convergência seria uma oposição compartilhada à ideologia funcionalista que pauta a arquitetura moderna desde a década de 30 até o pós-guerra. Esse ponto de partida compartilhado e crítico ao modelo funcionalista é apresentado logo ao início do debate por Eisenman. Num momento posterior, Alexander retornaria a ele. Com efeito, críticas sobre a dialética funcionalista emergem por toda a parte e vindo de grupos variados. Conforme narra Mario Gandelsonas, essa instância crítica se difunde rapidamente na década de 60 e se configura em duas correntes ideológicas com críticas semelhantes e propostas rivais sobre os rumos da arquitetura para o fim do século XX.

Neorracionalismo e neorrealismo: esses dois termos descrevem com relativa exatidão as duas ideologias antagônicas que dividem a cena arquitetônica atual. Neorracionalismo geralmente compreende abordagens desenvolvidas no fim da década de 60 e na de 70; abordagens opostas pelos neorrealistas. A primeira seria representada por Aldo Rossi na Europa, Peter Eisenman e John Hejduk nos Estados Unidos. A segunda, denota correntes de pensamento prevalentes nos anos 60 e arquetipicamente caracterizada nas posições de Robert Venturi. (GANDELSONAS, 1998, p. 7, tradução nossa).

Ainda que não se possa dizer sem ressalvas que Christopher Alexander comungue integralmente das proposições de Venturi, Stern e os demais neorrealistas, é razoável afirmar que seu interesse pelo aspecto semântico e comunicativo das cidades é mais próximo destes do que do formalismo conceitual dos neorracionalistas. Assim sendo, Gandelsonas aponta que ambas as escolas de pensamento teriam derivado de fragmentos deixados por uma semiologia não desenvolvida por Le Corbusier. Segundo ele, a comunicação entre esses campos teóricos seria benéfica no sentido de uma retomada crítica do Projeto Moderno.

Todavia, há um segundo paradoxo sublinhando tanto a posição ideológica do neorrealismo quanto a do neorracionalismo: de um lado, ambas compartilham posição semelhante e contrária ao funcionalismo; de outro, são elas

próprias, fragmentos em desenvolvimento dessa doutrina. (GANDELSONAS, 1998, p.7, tradução nossa).

A doutrina fundamental ao funcionalismo foi sintetizada na máxima “a forma segue a função”. Uma vez que função é, em si, um dos possíveis significados a serem articulados a partir da forma, temos, de fato, que o funcionalismo seria baseado essencialmente numa simples e embrionária ideia de significação. Funcionalistas em geral - e Le Corbusier, em particular - não chegaram a usar ou desenvolver essa dimensão da arquitetura em profundidade; primeiramente porque sua arquitetura seria um ataque à arquitetura simbólica da Academia e, em segundo lugar, porque não havia à época um contexto de rigor teórico que permitisse tal desenvolvimento.

Agora, todavia, a dimensão do significado, presente, mas insuficientemente desenvolvido na primeira fase do funcionalismo, pode ser confrontada...a perspectiva histórica e os meios teóricos para uma concepção de significado na arquitetura foram criados. Isto é, agora há a possibilidade de reintegrar as tendências dos anos 60 e dos anos 20 numa ideologia mais compreensiva e que fundamentalmente enfatiza o desenvolvimento de uma dimensão simbólica para a arquitetura. (GANDELSONAS, 1998, p.7-8, tradução nossa).

A oferta integradora de Gandelsonas parece não ter encontrado adeptos em Christopher Alexander ou em Peter Eisenman. O primeiro adota uma posição desqualificativa em relação aos desdobramentos do estruturalismo na arquitetura e de sua suposta ressignificação da forma. O segundo refutaria a argumentação de Gandelsonas em seu artigo Post-functionalism. Eisenman sustenta que nenhuma das reações pós-modernas na arquitetura teria rompido de fato com o predicamento funcionalista, se constituindo, em um dos casos, em um formalismo conceitual e purista e, no outro, em um revisionismo eclético.

(...) A primeira (interpretação), partindo da suposição que a arquitetura moderna teria sido um funcionalismo ultrapassado, declarou que a arquitetura poderia ser gerada apenas através de um retorno a si mesma enquanto disciplina autônoma ou pura. A segunda, enxergando a arquitetura moderna como uma espécie de formalismo obsessivo, tornou a si em uma declaração implícita de que o futuro reside paradoxalmente no passado. (EISENMAN, 1998, p.9, tradução nossa).

Dentro desse raciocínio, ele caracteriza o funcionalismo como uma fase ou resquício do humanismo clássico e, portanto, distinto do que chamou de “sensibilidade moderna”.

Mas, na maioria dos casos, arquitetura, em sua obstinada aderência a princípios de funcionali-

dade, não participou ou entendeu os aspectos fundamentais dessa mudança. Esta é a potencial diferença de natureza entre o modernismo e o humanismo e que passou despercebida pelas pessoas que hoje falam em ecletismo, pós-modernismo ou neo-funcionalismo. Eles falharam nessa percepção, justamente por conceber o modernismo meramente como uma manifestação estilística do funcionalismo, e o funcionalismo em si, como uma proposição básica na arquitetura. (EISENMAN, 1998, p. 11, tradução nossa).

A chamada ao pós-funcionalismo seria, para Eisenman, um deslocamento fundamental da sensibilidade rumo ao que Michel Foucault chamaria de *Novo Epistema*: ou “uma atitude não-humanista sobre as relações entre o indivíduo e seu ambiente físico”.

Olhando retrospectivamente, a proposta neo-funcionalista de Gandelsonas fracassa, e ao fracassar revela um aspecto fundamental da condição pós-moderna: a desarticulação da comunicação em favor de um imperativo da diferenciação. As posições de Eisenman e Alexander cujas semelhanças metodológicas poderiam ter servido de fio-condutor nesse histórico debate, se apresentam incomunicáveis, revelando, nessa intransigência de ideias, um predomínio dos afetos estéticos sobre os processos linguísticos e semiológicos defendidos pelos mesmos.

De toda forma, o encontro serve como registro importante de um momento no discurso teórico recente, onde a arquitetura se volta para sua própria manifestação estética como forma de se reafirmar como disciplina e de se recalibrar na medida em que o estatuto moderno revelava suas inadequações.

As décadas subsequentes ao debate terminam por corroborar uma das premissas defendidas por Eisenman durante o encontro: a que não ficaria estabelecida, à priori, uma linguagem ou processo único a reger um novo movimento arquitetônico – o que se alinha com o diagnóstico de Lyotard, segundo o qual o ecletismo seria o grau zero da cultura contemporânea. Conforme o colocado na introdução, na arquitetura dos dias atuais coexistem as mais variadas concepções e estéticas arquitetônicas e as discordâncias sobre o tema não se manifestam com a mesma intensidade das décadas de 70 e 80.

Peter Eisenman ganharia maior proeminência e reconhecimento nos anos seguintes ao debate, com projetos amplamente publicados internacionalmente. Ainda que não tenha tantas obras construídas quanto Frank Gehry ou Richard Meier, seus contemporâneos, Eisenman é frequentemente associado ao chamado star system arquitetônico. Dentre seus projetos mais conhecidos se pode mencionar a Cidade da Cultura da Galícia, 2011; o Memorial aos Judeus Mortos no Holocausto em Berlim, 2005; o *Aronoff Center for*

Design and Art em Cincinnati, 1996; e o *Nunotani Building* em Tóquio, 1991.

As formas distorcidas e as colisões geométricas de Eisenman influenciaram arquitetos contemporâneos como Alejandro Zaera-Polo, Daniel Libeskind e Enric Miralles entre diversos outros, assim como suas investigações teóricas e pioneirismo na arquitetura digital sustentam o vanguardismo de sua obra ainda nos dias atuais. Eisenman continua trabalhando em projetos à frente de seu escritório *Eisenman Architects* - localizado em Nova Iorque e fundado em 1980.

Eisenman também permaneceu ativo no campo acadêmico. Entre seus trabalhos escritos encontram-se: *Eisenman: Inside Out*, 2004; *Written into the Void*, 2007; *Tracing Eisenman*, 2006; e Giuseppe Terragni: *Transformations, Decompositions, Critiques*, 1986. Lecionou nas universidades de Cambridge, Harvard, Princeton, Ohio State, Cooper Union e Yale – onde permanece como professor.

Christopher Alexander, embora não tenha obtido fama semelhante à de seu oponente, continuou a desenvolver projetos nos quais utilizava sua linguagem de padrões entre eles o West Dean Visitor Centre em Sussex, 1995; o *Julian Street Inn* em San Jose, 1990; o *Eishin Campus* em Tóquio, 1985; além de uma série de projetos residenciais. Alexander possui uma obra com mais de cem projetos construídos.

Alexander continuou a desenvolver suas teorias no campo da arquitetura e urbanismo em livros como *A New Theory of Urban Design*, 1987; além de expandir seu campo de estudo para temas como religião, natureza e preservação ambiental em trabalhos como *The Nature of Order: An Essay on the Art of Building and the Nature of the Universe*, 2002–04; e o mais recente: *The Battle for the Life and Beauty of the Earth: A Struggle Between Two World-Systems*, 2012. Alexander, que devido à sua formação também como matemático, viria a ter influência também no campo da ciência da computação.

Christopher Alexander se aposentou como professor da Universidade de Berkeley em 2002, onde lecionou por quase quarenta anos, retornando Inglaterra onde continua a escrever e trabalhar como arquiteto.

Referências:

ALEXANDER, Christopher et al. **A Pattern Language**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977, 1171p.

ALEXANDER, Christopher. **Notes on the Synthesis of Form**. Seventh Printing. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1973, 216p.

ALEXANDER, Christopher. **The Timeless Way of Building**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1979, 552p.

ALEXANDER, C; EISENMAN, P. Contrasting Concepts of Harmony in Architecture. **Katarxis** n°3: [S.I], 2004. Disponível em: <http://www.katarxis3.com/Alexander_Eisenman_Debate.htm> ou em: <http://www.henryrose.design/uploads/7/9/6/4/79645630/eisenman_-_alexander_1982_debate.pdf> Acesso em 31/08/2017.

BANHAM, Reyner. Vitruvius Over Manhattan. **New Society**, Londres: v. 10, n. 271, 1967, p.827-828.

CROSS, Nigel. A history of design methodology. **Design methodology and relationships with science**. Springer Netherlands: 1993, p. 15-27.

EISENMAN, Peter. Post-functionalism, In: HAYS, K. Michael. **Oppositions Reader**. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1998, p. 9-12.

EISENMAN, Peter; ZAERA-POLO, Alejandro. A Conversation with Peter Eisenman. **El Croquis**, Madri, n. 83, 1997, p.6-20.

FRAMPTON, Kenneth. **Comparative Critical Analysis of Built Form**. Coursepack. Nova Iorque, Columbia University, fall 2004, p.1-7.

FRANK, Suzanne. **IAUS, the Institute for Architecture and Urban Studies: An Insider's Memoir**. Bloomington, Indiana: AuthorHouse, 2010, 342p.

GANDELSONAS, Mario. Neo-Functionalism, In: HAYS, K. Michael. **Oppositions Reader**. Nova Iorque. Princeton Architectural Press, 1998, p.7-8.

HAYS, K. Michael. The oppositions of autonomy and history, In: HAYS, K. Michael. **Oppositions Reader**. Nova Iorque. Princeton Architectural Press, 1998. Introdução.

SCHWARTHING, Michael. The Institute of Architecture and Urban Design [sic], New York City -1967. **Arc2città**, Milão, 2012. Disponível em: <http://www.arcduecitta.it/world/2012/07/moma-cornell-and-the-institute-of-architecture-and-urban-design-1967_michael-schwarting/> Acesso em 31/08/2017.

VIDLER, Anthony. The Third Typology, In: HAYS, K. Michael. **Oppositions Reader**. Nova Iorque. Princeton Architectural Press, 1998, p. 13-16.

ZAERA-POLO, Alejandro. Eisenman's Machine of Infinite Resistance. **El Croquis**, Madri, n. 83, 1997, p.50-63.

